

Na Sala de Aula

QUARTA-FEIRA | 18 | JUNHO | 2008



DIEGO REDEL

Os alunos Mateus de Oliveira Hass e Vitória Paim Valerim estudam na Escola Estadual Irineu Bornhausen, em Florianópolis, estão entrosados e recebem a ajuda e o carinho dos demais colegas

Os passos da inclusão

A convivência entre os estudantes com algum tipo de deficiência com os demais

Felipe da Silva Bastiani, 13 anos, costuma chamar Luis Gustavo Hemsing, 15, para participar das atividades e dos trabalhos da escola, e não se importa com a paralisia cerebral do amigo. No recreio, Felipe também auxilia Gustavo, empurrando a cadeira de rodas. Estas situações ocorrem em colégios como o Irineu Bornhausen, na Capital, e servem para ilustrar o avanço da integração de pessoas portadoras de deficiência.

Já a Escola Nossa Senhora da Conceição (foto

HERMÍNIO NUNES



menor), em São José, está desenvolvendo um projeto único no Estado. A direção criou uma turma exclusiva para 15 estudantes surdos. As aulas são ministradas normalmente pelos professores de cada disciplina e pela professora da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Em 2002, Santa Catarina tinha 14.782 alunos na educação especial e, em 2006, já eram 16.879. Nas classes comuns, em 2002 foram 6.172 matrículas de estudantes com algum tipo de deficiência e, há dois anos, passaram a 9.594.

COMUNIDADE

Educação e integração pelo esporte

Colégios e comunidades tiram lições das competições, mas atividades esportivas devem ser orientadas. **Página 10**

GRAVIDEZ PRECOCE

A história de alunas que tiveram bebê

Alunas do ensino médio relatam o impacto que um filho não programado causa nos estudos. **Página 8**

O Brasil e suas regiões

Em Vidal Ramos, a professora Lúcia Helena Lopes Filippi, da Escola Cacilda Guimarães, realizou o trabalho "Divisão Regional do Brasil", com estudantes do 2º ano do ensino médio.

Alguns alunos optaram por desenhos de mapas, nos quais as regiões brasileiras "dialogam" para se identificar, ou até mesmo para mostrar o estado em que se encontram no país de dimensões continentais como o Brasil.

Um deles mostrou o grau de "saúde" das regiões do país, demonstrando uma das preocupações dos alunos.

Outros preferiram escrever versos ou paródias musicais, e até citaram períodos de governo, como Getúlio Vargas, presidente em duas oportunidades, e Ernesto Geisel, do período militar, o que significa, também, uma boa noção da história recente da nação. Confirma os desenhos.



Elis Regina Kreuzsch, 16 anos



Vanessa Chaiane Back, 16 anos



Sirlene Garcia, 16 anos

Educação preventiva nas escolas estaduais

NATÁLIA DE OLIVEIRA MENEGHETTI *

As temáticas que envolvem a educação preventiva – sexualidade, drogas e violência – representam um dos desafios apresentados pela sociedade para a escola, exigindo desta a necessidade de ampliar e rever seu papel social. Neste sentido, seguindo as diretrizes vindas da Secretaria de Estado da Educação (SED), o referencial teórico-metodológico sugerido pela proposta curricular de Santa Catarina e outros documentos elaborados após sua publicação, a Gerência de Educação da Grande Florianópolis, a partir de 2005, implanta o Núcleo de Educação e Prevenção (Nepre) na sua área administrativa e, posteriormente, em 109 escolas da rede pública estadual de sua abrangência.

A proposta do Nepre da Grande Florianópolis almeja a efetivação de uma educação preventiva, enquanto política pública, da esfera educacional atendendo o ser humano como um todo – nos aspectos cognitivos, de corporeidade, afetivo e sócio-cultural – a partir da construção do saber via processo de ensino-aprendizagem, calcado na autonomia, participação, inclusão, criatividade e troca de saberes.

Um dos principais objetivos desta proposta é fornecer subsídios teórico-metodológicos e didáticos às escolas, a fim de promover uma pedagogia em projetos de prevenção nas temáticas: sexualidade, violência e drogas, para a minimização e ou superação das situações "problema" decorrentes destas temáticas no cotidiano escolar, a partir de uma gestão democrática que envolva todos os segmentos inseridos neste cotidiano.

Os projetos de prevenção são desenvolvidos pelas escolas via ações culturais, esportivas e educativas, tais como teatro, cinema, grafiteagem, dança, música, campeonatos, gincanas, oficinas, palestras e trabalhos desenvolvidos em sala de aula entre professores e alunos.

A meta é que até 2010 as escolas tenham como principal alavancador destas ações o grêmio estudantil, planejando os projetos de prevenção a partir do interesse dos alunos e pelos alunos com a mediação e o incentivo dos professores e da comunidade escolar como um todo. O intuito é promover o protagonismo juvenil, a autonomia intelectual, o pensamento crítico, a formação ética, o exercício da cidadania, a solidariedade e o respeito à diversidade.

Atualmente, estamos em fase de consolidação da proposta nas escolas e podemos dizer que algumas delas já estão num caminho avançado, pois suas ações ou projetos apresentam um amadurecimento em relação a respostas educacionais às questões que envolvem as temáticas da educação preventiva. Citamos como exemplos a E.E.B. Professora Maria José Barbosa Vieira, que, a partir de atividades desenvolvidas em sala de aula com os alunos, criaram um painel, localizado próximo a secretaria da escola, com o objetivo de informar e esclarecer a todos os estudantes questões pertinentes a sexualidade e a E.E.B. Professor Laércio Caldeira de Andrade que vem investindo em momentos de estudos, de reflexão e de planejamento para intervir nas questões que envolvem a violência no cotidiano escolar. Isto já é o reflexo do Nepre nas práticas educacionais voltadas ao atendimento das demandas vindas da sociedade.

* Articuladora do Núcleo de Educação e Prevenção da Gered da Grande Florianópolis

Artista inspira alunos

A vinda do quadro *Primeira Missa no Brasil*, do catarinense Victor Meirelles, mexeu com a imaginação e com os tons de estudantes de 5ª a 8ª séries e do ensino médio de escolas do Litoral Norte de Santa Catarina. Os trabalhos a seguir foram produzidos nas escolas Professora Paulina Gaya e Adelaide Konder, de Navegantes, do colégio Manoel Henrique de Assis, de Penha, e da Escola Professora Maria da Glória Pereira, localizada em Balneário Camboriú.

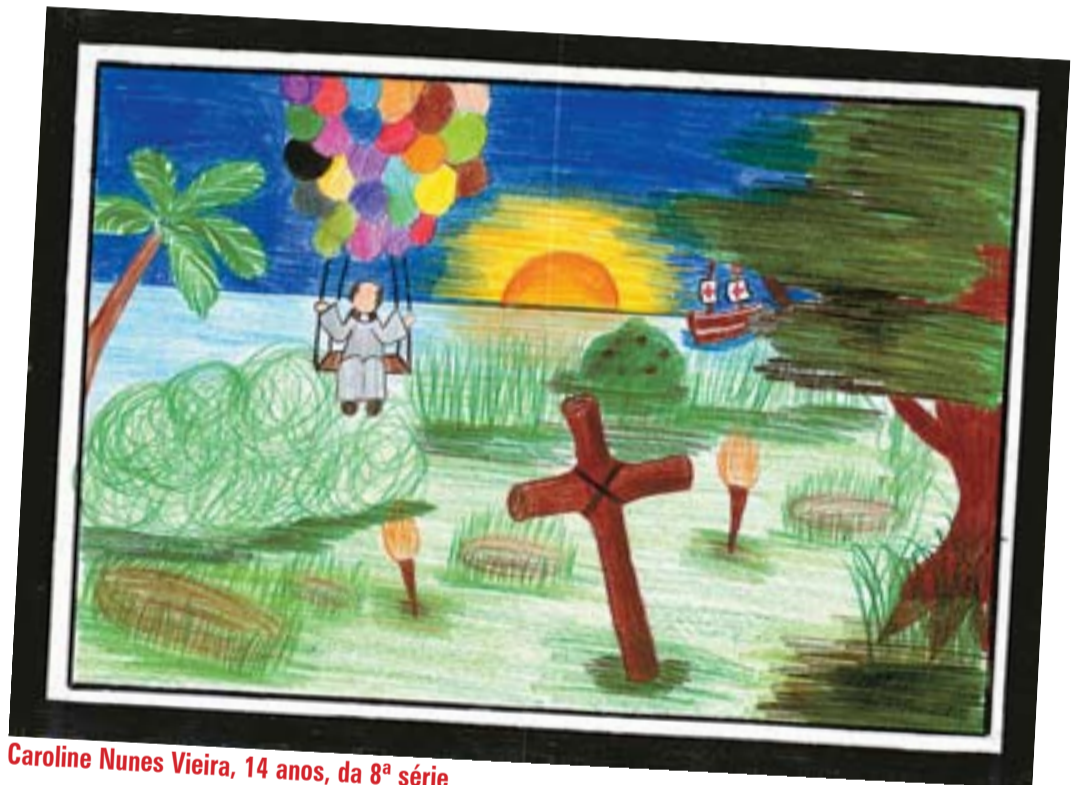
A aula de artes buscou valorizar e conhecer a maior obra do pintor catarinense, estimular a reflexão sobre a formação do povo brasilei-

ro, mostrar as nossas origens e ainda apresentar a diversidade cultural brasileira.

Os alunos foram atrás de informações em jornais e reproduções do quadro *Primeira Missa no Brasil*. Eles desenvolveram os trabalhos em quatro etapas, sendo os desenhos e as colagens a parte final. Antes da turma ver o quadro, houve uma leitura e os alunos foram colocados nos papéis retratados na pintura. Depois, os estudantes copiaram um texto extraído de jornal, foram levantadas questões sobre a identidade brasileira, a formação da nossa cultura, colonização e a importância do artista catarinense. Veja o resultado deste trabalho, todos de alunos de Andréia Bazzo, da Escola Professora Paulina Gaya, de Navegantes.



Priscila Aparecida Lisboa, 15 anos, e Beatriz Fernandes de Faveri, 15 anos, do 1º ano do ensino médio



Caroline Nunes Vieira, 14 anos, da 8ª série



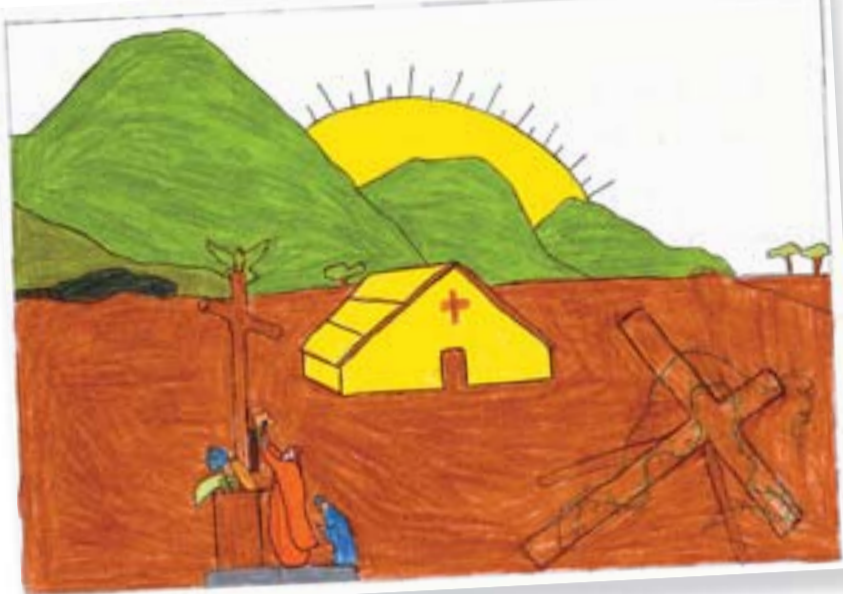
Grupo: Francine, Karla e Rogério, do 3º ano do ensino médio



Grupo: Mariane Adélia Soares, 13 anos, e Ivela Ribeiro, 14 anos, 8ª série



Grupo: Nayara e Nátali, alunas do 3º ano do ensino médio



Rafael Schramm, 12 anos, da 6ª série



Grupo: Jéssica Suélen da Silva e Gizandra Primon, do 3º ano do ensino médio



Guilherme Roberto Steimbach, 12 anos, 6ª série



Grupo: Gilvana dos Santos Souza, 14 anos, e Lediane Dias Alves, 13 anos, da 8ª série



Walace Lisboa, 1º ano do ensino médio



Éstela Denise de Souza, 12 anos, 5ª série



Katlyn Caldeira do Amaral, 11 anos, 5ª série



Grupo: Nayara Fernandes, 14 anos, e Amanda Schaefer, 13 anos, 8ª série

Eficiência para alunos especiais

A educação especial teve avanços importantes nos últimos anos no Estado. Desde 2006, é assegurado aos alunos com deficiência um segundo professor e um serviço de atendimento especializado.

No entanto, o preconceito e o despreparo dos profissionais ainda barram os progressos nesta área.

O supervisor de educação especial da Fundação Catarinense de Educação Especial, Sérgio Otávio Bassetti, afirma que em 2006 uma política para essa área foi deflagrada e inaugurou um momento novo.

Aos alunos com deficiência ficou garantido um segundo professor para dinamizar a prática pedagógica e um serviço de atendimento especializado para as diversas deficiências. O trabalho não é um reforço escolar e não utiliza os mesmos métodos de ensino regular.

Entretanto, Bassetti acredita que mais avanços são necessários. O preconceito é apontado por ele e por Edite Sehnen, também supervisora da área, como uma barreira existente. Eles falam que muitos educadores têm uma ideia antecipada do aluno e supõem que ele não conseguirá aprender.

— Ainda é muito forte a ideia de que o estudante que aprende é aquele que domina a escrita, mas sabemos que existe outras formas de linguagens — observa Edite.

Bassetti informa que as pessoas com deficiência mental são as que mais sofrem preconceito. Ela lembra que existem muitos avanços para o cego, o surdo e para quem tem deficiência física, o que não é observado para quem tenha deficiência mental.

Tanto Edite quanto Bassetti ainda

Sobre a Fundação:

Com 40 anos de existência, a Fundação Catarinense de Educação Especial recebe crianças e adolescentes com deficiência de todo o Estado. No último ano, foram feitas 2.750 avaliações, que além de emitirem um relatório sobre a doença, orientam familiares e escolas a lidar com a deficiência.

É da instituição que saem os livros impressos em braille para o ensino fundamental e médio da rede estadual e distribuição de recursos ópticos. A Fundação também promove atividades físicas, capacitação de profissionais, reabilitação de alunos matriculados na rede regular de ensino, como fonoaudiologia, fisioterapia, equoterapia e terapia ocupacional.

A entidade também tem um núcleo para alunos com altas habilidades.

apontam a formação dos profissionais como outro aspecto a ser melhorado. Edite explica que muitos educadores afirmam que não estão preparados para lidar com alunos com deficiência.

— Os cursos precisam ser revisados. Eles não abordam a educação especial em nenhum momento, inclusive os de pedagogia, que a tratam rapidamente.

Escola regular permite maior participação

O acesso à educação é uma garantia de todas as pessoas com deficiência. Bassetti afirma que mais importante do que inseri-las em escolas especiais é matriculá-las no ensino regular, por questões de convivência e por permitir a participação de atividades comuns a outras pessoas.



Mateus de Oliveira Hass e Vitória Paim Valerim, que estudam na Escola Estadual Irineu Bornhausen, em Florianópolis, têm deficiências, mas recebem a ajuda e o carinho dos coleguinhas e das professoras

Eram rabiscos de giz no quadro negro. Mas para Mateus, era sua moto. Para os colegas, o desenho era muito bonito. O episódio marcou as duas professoras da primeira série do ensino fundamental da Escola Estadual Irineu Bornhausen, em Florianópolis. Para elas, o fato representa a inclusão dos dois alunos com deficiência na turma.

Mateus de Oliveira Hass, 11 anos, tem baixa visão e paralisia cerebral. Vitória Paim Valerim, 8 anos, tem Síndrome de Down e deficiência na fala. Nada que impeça o convívio deles com os colegas de turma.

As professoras Sandra Gonçalves dos Santos e Arveli Hinkel afirmam que todos respeitam os dois e sempre se oferecem para ajudar.

A baba que escorre da boca de Mateus, por exemplo, não incomoda os amigos. Ela é limpada por eles e inclusive por Vitória.

O coleguinha Gabriel Carlos Tomaz, 8 anos, é um dos que mais ajudam as professoras com os dois. Ele fala que gosta de orientar Vitória nas tarefas e de colocar Mateus na cadeira de rodas.

Mateus, por sua vez, afirma que é legal ir à escola. Ele diz que gosta dos amigos, de pintar, de ouvir música, e

Amor garante inclusão

do Figueirense.

Luis Gustavo Hemsing, 15 anos, aluno da sétima série do colégio, teve paralisia cerebral e também não tem problemas de convivência com a turma.

A professora que o acompanha, Bianka Maysa Mohr, relata que ele tem facilidade em aprender e que a relação dele com os amigos é ótima.

— Eles sempre querem brincar com o Gustavo. A turma aceitou super bem!

Felipe da Silva Bastiani, 13 anos, é um dos que chamam Gustavo para participar das atividades e dos trabalhos da escola.

Ele conta que não se importa com a deficiência do colega e que Gustavo é bem esperto.

Mateus, Vitória e Luis Gustavo fazem parte dos treze alunos especiais da escola, que ainda possui oito com altas habilidades.

No caso de estudantes com altas habilidades, a diretora relata que o

professor identifica os que apresentam muita facilidade no aprendizado, para verificar se realmente trata-se de alta habilidade.

— Geralmente, eles são os que mais atrapalham em sala de aula, porque como já dominam o conteúdo, começam a desviar a atenção.

Entretanto, a diretora afirma que ter alunos com deficiência e com altas habilidades é um aprendizado diário.

— Eles derrubam qualquer preconceito.

Surdos ganham turma exclusiva em colégio

A Escola Estadual Nossa Senhora da Conceição, em São José, na Grande Florianópolis, está desenvolvendo um projeto piloto, único em Santa Catarina.

Depois de muitos pedidos de pais, alunos e professores, a direção do colégio montou uma turma exclusiva de quinta série para 15 estudantes sur-

dos. Clóvis Machado Cardoso, 12 anos, nasceu sem ouvir e não anda. Ele afirma que estudar numa turma só com surdos é melhor, porque a explicação fica mais clara. Porém, Clóvis garante que não deixou de ter colegas ouvintes na escola.

Pelo contrário, por gostar de conversar e ter muitos amigos que não dominam a língua de sinais, ele confessa que às vezes fica cansado de ensinar a Libras.

A colega de sala Alessandra Gesser, 11 anos, também prefere uma turma exclusiva para surdos.

Ela diz que é mais fácil para aprender e o ambiente torna-se menos barulhento.

A professora intérprete explica que como a aluna utiliza aparelho auditivo, qualquer som fica no mesmo volume, desde a voz das pessoas até uma batida leve na porta.

O colégio tem ao todo 40 alunos surdos e estudantes com outras deficiências, inseridos nas turmas de pré a ao terceiro ano do ensino médio. O diretor garante que o relacionamento entre os alunos é saudável e que ter estudantes com deficiência é um desafio agradável.

— Temos um resultado bastante positivo. Percebemos que eles estão aprendendo e conseguindo superar as dificuldades.

A professora de História, Josilene da Silva Kopsch, por exemplo, diz que

Educação Especial em números, no Estado

- > População total de Santa Catarina: 5.866.568
- > População com deficiência: 761.564
- > População de zero a 17 anos com deficiência: 74.898
- > Zero a 4 anos: 9.870
- > 5 a 9 anos: 19.595
- > 10 a 14 anos: 27.616
- > 15 a 17 anos: 17.817
- > 18 a 24 anos: 46.363

Fonte: Censo Demográfico IBGE/2000

ACESSIBILIDADE NAS ESCOLAS PÚBLICAS COM EDUCAÇÃO BÁSICA EM 2006:

- > Escolas com Educação Básica: 5.592
- > Escolas com sanitários Adequados aos alunos com Necessidades Especiais: 566 (10,12%)
- > Escolas com Dependências e Vias Adequadas aos Alunos com Necessidades Especiais: 382 (6,83%)

EVOLUÇÃO DE MATRÍCULAS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL 2002 A 2006

Escolas e Classes Especiais		Escolas Regulares e Classes comuns	
Ano	Alunos	Ano	Alunos
2002	14.782	2002	6.172
2003	15.303	2003	5.860
2004	16.005	2004	7.733
2005	16.423	2005	7.300
2006	16.879	2006	9.594

Fonte: MEC/Inep (Censo Escolar)

Diversidade é um desafio

ELCIO CECCHETTI *

A diversidade é uma das características de todos os ecossistemas e na própria humanidade. Nada é igual ou idêntico, pois cada ser é singular e único. A própria cultura humana adquiriu formas diversas através do tempo e do espaço, pois cada grupo social, em diferentes tempos e lugares, interagiu com a natureza, se organizou em comunidade, construiu história e constituiu memória de modo singular.

A diversidade cultural amplia as possibilidades de escolha que se oferecem a todos. É uma das fontes do desenvolvimento humano, de ampliação dos horizontes e sentidos, na medida em que cada cultura é apenas parte de um mundo complexo, e se reconhecendo como tal, tem muito a aprender com as outras culturas existentes.

No entanto, conviver com a diversidade nem sempre é uma relação fácil. A história está repleta de exemplos que demonstram a falta de respeito e de acolhimento das diferenças: as guerras, a escravidão, a exclusão, a dominação, a discriminação, entre outros, se originam da atitude de desvalorização do outro, de sua singularidade e da legitimidade de sua cultura.

A defesa da diversidade cultural é um imperativo ético, inseparável do respeito à dignidade humana. Ela implica o compromisso de respeitar os direitos humanos, em particular, os direitos daquelas pessoas que foram colocadas em situação de marginalização social. Afir-mar o respeito a diversidade das culturas, incentivando-as ao diálogo e à co-ope-ração, em um clima de confiança e de entendimento mútuos, estão entre as melhores garantias da paz e da segurança mundial.

Diante disso, cabe a educação formal propiciar/vivenciar atividades de aprendizagem que estimulem o acolhimento, o respeito e o convívio com o "diferente", na tentativa de reconhecimento da diversidade em seus múltiplos aspectos, rostos, nomes e manifestações. A escola como espaço sócio-cultural, constituída pelas tramas de interações entre diferentes sujeitos, por suas alianças, conflitos, negociações e transgressões, é desafiada a desenvolver uma reflexão crítica sobre a diversidade cultural presente em seu cotidiano e em todo o contexto social que a envolve. O desafio se constitui em desenvolver relações e exercícios pedagógicos que ultrapassem os limites e fronteiras culturais estabelecidas, percebendo o outro em sua alteridade e em suas múltiplas possibilidades e conhecimentos, buscando articular um diálogo capaz de romper preconceitos cristalizados e práticas estigmatizadoras, visando participar da construção de um mundo melhor e possível.

* Professor e analista técnico-educacional da SEC

HERMÍNIO NUNES



No Colégio Nossa Senhora da Conceição, língua de símbolos é tema de aula



Felipe Bastiani gosta de ajudar o seu amigo Luis Gustavo Hemsing



DIEGO REDEL

Daiany (E) mantém as boas notas, Rossana não fará o vestibular e Lurdilene tenta concluir o ensino médio em Biguaçu

Bebê X escola

Biguaçu

Há nove anos, Lurdilene das Mercês, 26 anos, tenta concluir o segundo ano do ensino médio, na Escola Estadual Professora Maria da Glória de Faria, em Biguaçu. Ter chegado ao final do 2º bimestre, nesse ano, foi uma vitória para ela. O motivo: suas duas filhas, uma com nove e outra com dois anos.

As constantes interrupções durante as aulas, por conta de ligações de seu marido para falar de problemas com as meninas, e ainda encarar a realidade de que filhos exigem, são os principais motivos para Lurdilene deixar o colégio de lado. Ela conta que precisa administrar casa, emprego, filhos e que os estudos, infelizmente, ficam por último.

Admite que se pudesse voltar 10 anos em sua vida, não tem dúvida, a escola seria prioridade. A vontade de concluir o ensino básico hoje é principalmente por suas filhas.

– Tenho que dar isso para elas, a perspectiva de um futuro. Meus pais me deram tudo, e eu joguei fora.

O sonho da estudante do 3º ano do ensino médio, Rossana Brietoni Carron, 19 anos, foi adiado e ela tem

Alguns dados:

Ano passado 500 mil crianças e adolescentes entre 10 a 19 anos tiveram filhos no Brasil. A Pesquisa do Departamento de Pediatria do Hospital Universitário de Brasília revela que 63% das meninas que engravidam param de estudar e que dessas apenas 40% voltam à escola depois do parto.

Em SC, conforme a Secretaria de Estado da Saúde, foram 14.756 bebês nascidos de mães entre 10 e 19 anos.

consciência de que não é por pouco tempo. Grávida de quatro meses, ela sempre quis ser médica veterinária, mas afirma que esse ano não terá condições de prestar vestibular.

Escola procura conversa aberta e direta

As notas da aluna Daiany de Souza, do 2º ano do ensino médio, continuam boas, mesmo com o bebê de sete meses que carrega dentro dela. A gravidez veio com os 15 anos recém-completados. Não foi planejada, mas ela admite que não fez nada para evitar. Após o nascimento do filho, Daiany afirma que pretende continuar estudando.

Para evitar que outras alunas fi-

quem grávidas e abandonem os estudos, a professora de sociologia, Claudete Aparecida Ribeiro, aborda a educação sexual em suas aulas de 2º e 3º ano do ensino médio. Ela explica que conversa abertamente sobre sexo, DSTs e gravidez. Trabalha com livros, filmes, realiza dinâmica de grupo e pede para os alunos organizarem seminários sobre os assuntos que desejam abordar.

– Pergunto quem está preparado para ter um filho? Quem tem condições financeiras? Quem vai cuidar do bebê para que eles possam estudar? Eles precisam separar a fantasia da realidade.

A professora costuma dizer aos estudantes que ter filho é queimar etapas.

No colégio, existem cerca de 20 alunas grávidas ou com filhos. No caso de Rossana, Lurdilene e Daiany, elas confessam que sabiam os riscos que corriam e conheciam os métodos contraceptivos para evitar.

A assistente técnico-pedagógica da escola, Rosângela Nascimento dos Santos Sell, afirma que, na maioria dos casos, é assim e que ouve muitos alunos falarem que “o tesão é muito maior do que a vontade de colocar a borrachinha”. Rosângela acredita que a sexualidade deva ser discutida mais cedo nos colégios.

Ação no ensino fundamental

Santo Amaro da Imperatriz

Na Escola Estadual Anísio Vicente de Freitas, em Santo Amaro, a sexualidade é discutida desde cedo.

O trabalho é feito com alunos de 5ª a 8ª série do fundamental, pelo professor de ciências, Douglas Cardoso Cortez. Ele explica que procura desmistificar assuntos relacionados à sexualidade.

– Em todos os níveis, eles têm pouco conhecimento. Apesar de muitos terem relação sexual, eles não sabem como uma mulher fica grávida. Tenho alunas que acham que só porque estão enjoadas, estão esperando um filho.

As discussões envolvem prevenção, menstruação, gravidez e DSTs. O professor ressalta que sexo não tem idade e informação não é incentivar a prática.

Para que não reste nenhuma dúvida entre os alunos, Cortez criou uma caixinha, onde os estudantes podem depositar perguntas sobre o assunto.

A aluna da sexta série do ensino fundamental, Thainá de Souza, 11 anos, aprova o método do professor. Ela disse muitas vezes eles não têm coragem de perguntar

em voz alta, mas com a caixinha não há problema. A aluna ainda considera a aula importante, porque fornece orientações.

– Sei que um dia vou menstruar e se ficar grávida, terei que largar os estudos.

A educadora sexual, professora da Udesc, Jimena Furlani, ressalta que oferecer ao aluno informação não muda comportamento e que o assunto muitas vezes é discutido de maneira errada nas escolas.

– Gravidez não é questão de métodos contraceptivos. O aluno precisa refletir sobre o futuro. Quem engravidou? As meninas sempre abrem mão de tudo. Não haverá evasão escolar de meninos, por causa da gravidez.

Entretanto, a educadora afirma que uma aluna grávida tem condições de continuar estudando, desde que a escola organize seus profissionais para isso. Ela conta que todo colégio tem orientadores, e que eles precisam acompanhar as futuras mães. Jimena ainda ressalta que o trabalho envolve escola, família e orientadores.

Porém, a professora diz que falta ao colégio assumir o problema.

– A discussão está presente na escola. O que falta é que eles assumam que vão trabalhar com isso.

Heróis da ficção e do dia-a-dia

Quem são os super-heróis da nossa vida? Eles existem? O que eles fazem para serem chamados de heróis?

Estas perguntas foram feitas aos estudantes pelas professoras Josete Tiscoski Nesi e Gládis Silva da Cunha Santos, da Escola Básica Humberto de Campos, em Criciúma, no trabalho "Heróis entre nós".

O objetivo foi fazer uma reflexão entre os super-heróis que as crianças admiram na ficção, como o Homem-Aranha e o Batman, por exem-

plo, e aqueles que, da vida real, não são tão diferentes dos que aparecem na vida imaginária.

Eles também promovem a paz, buscam a harmonia e trazem para si a responsabilidade e, muitas vezes, superam os seus limites, ensinam as professoras.

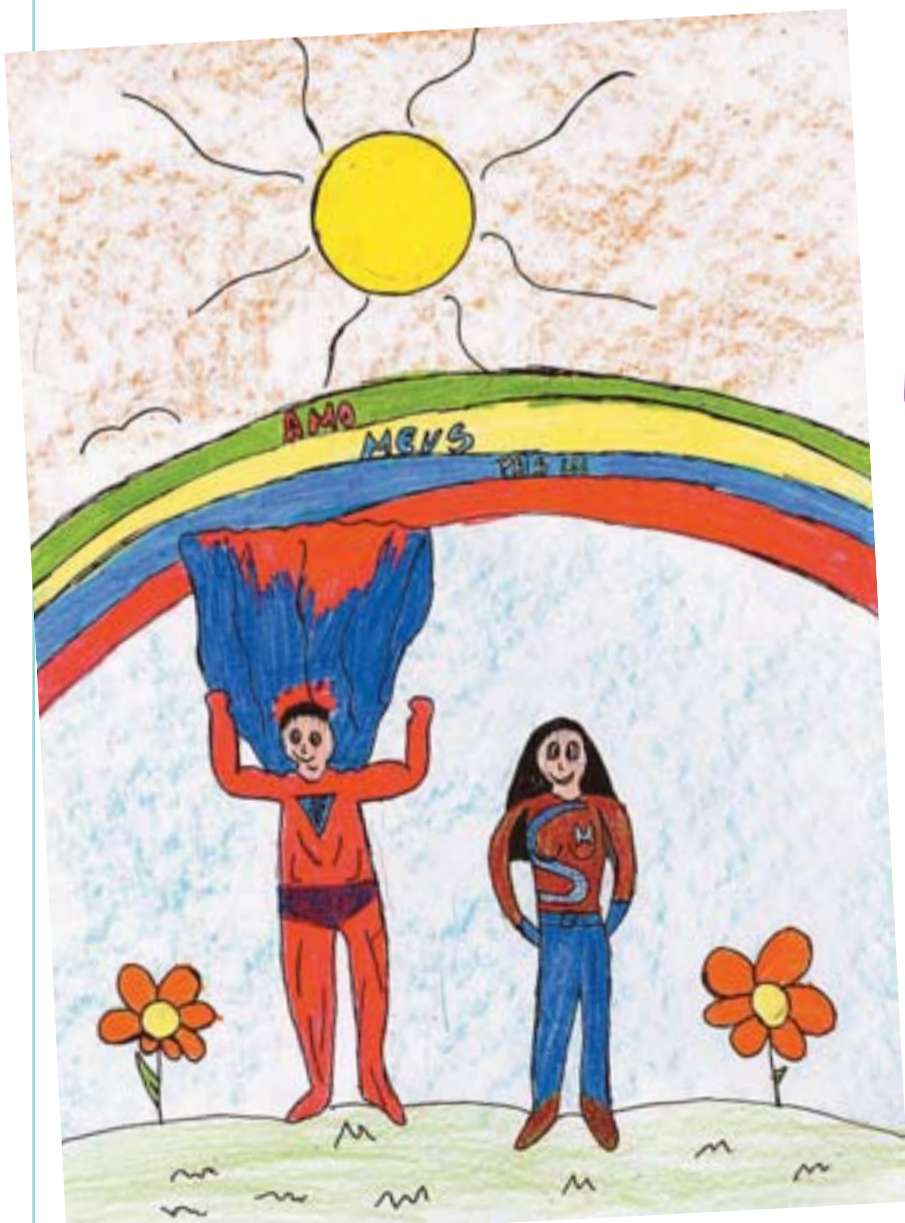
Os estudantes tiveram a oportunidade de trabalhar o tema através do filme *Super Escola de Heróis*, além de textos reflexivos e uma aula toda dedicada à expressão artística, em que o foco era identificar quem eram os super-heróis. Confira os desenhos.



Letícia Canarin, 10 anos, 4ª série



Letícia Goulart, 11 anos, 6ª série



Mateus Ramos, 9 anos, da 4ª série



Milton Rodrigues Scolari, 9 anos, da 4ª série

Esporte para educar

Se as olimpíadas são um acontecimento internacional, realizadas a cada quatro anos, as competições escolares costumam ser um evento anual. Elas reúnem esporte e espírito competitivo e mobilizam alunos e professores.

O esporte ocupa um espaço grande no Instituto Estadual de Educação. Além das aulas de Educação Física, os alunos podem praticar diversas modalidades no horário extracurricular e ainda dedicar um tempo maior nos treinamentos.

Todo ano, o Instituto realiza seus Jogos Internos, reunindo todas as séries. O chefe do Departamento de Esporte Escolar, Geraldo do Valle Pereira, diz que o evento tem caráter mais participativo e não tanto competitivo. Esse ano, os jogos estão previstos para o segundo semestre.

– Eles são para todos os alunos, não apenas para os que treinam.

Além dessa competição, o Instituto realiza a copa de judô e tem alunos participando dos jogos escolares municipais e regionais e de alguns campeonatos, como o de surfe, modalidade também oferecida na escola.

O aluno Gustavo Delatorre, 17 anos, não treina, mas gosta de esportes. O que mais pratica é basquete. Mesmo não treinando, ele participa sempre dos jogos internos. O estudante acredita que é importante o colégio promover eventos assim para incentivar a competição.

Um pouco sobre as Olimpíadas:

A primeira olimpíada foi realizada em Atenas, na Grécia, em 1896. Porém, o Brasil estreou na competição apenas em 1920, nas Olimpíadas de Antuérpia, na Bélgica. Neste ano, os Jogos Olímpicos serão disputados em Pequim, na China, do dia 8 a 24 de agosto. Ao todo, serão 34 modalidades disputadas.

Até o dia 10 de junho, o Brasil tinha 235 vagas garantidas na competição, mas havia chance de enviar atletas do basquete, do tênis e do triatlo. Essa já é a maior delegação brasileira da história do país.

Já Sanara Schreiber Schusler, 10 anos, treina ginástica rítmica três vezes por semana. Ela começou aos sete anos, e hoje passa até quatro horas dedicando-se ao esporte na escola. Sanara afirma que pretende ser uma atleta profissional.

Prática esportiva deve ser orientada

A dedicação ao esporte, no entanto, pode deixar de ser saudável e virar algo excessivo na vida dos adolescentes. Pereira diz que é preciso ficar atento ao aparecimento de lesões e ao comportamento do jovem, que pode querer apenas treinar, e deixar os relacionamentos e outras atividades de lado. Além disso, ele ressalta que é importante os treinadores terem conhecimento de como o aluno vai em sala de aula.

Entretanto, Pereira ressalta que a prática esportiva deve ser incentivada.

Ele argumenta que quando orientada, a prática esportiva ajuda na formação do adolescente, porque dá ao jovem noção de respeito, organização e superação, além de trabalhar com a derrota e a vitória.

O professor de educação física ainda observa que os pais devem evitar o corte do esporte como punição a notas baixas.

– Essa não é a melhor estratégia. O esporte é necessário. Os pais podem punir os filhos, exigindo que eles façam as tarefas de casa, como lavar a louça.

Golazo marcado contra a violência nas comunidades

Começou com um projeto social de bairro e hoje envolve toda a Grande Florianópolis. A Olimprocasa é um evento esportivo, organizado pelo Bloco Liberdade desde 1991, e tem como lema “não às drogas e ao analfabetismo.”

O coordenador geral dos projetos do Bloco, Marcos Caneta, conta que a olimpíada foi criada para construir um espaço de prática esportiva, que pudesse melhorar a relação entre os moradores do Bairro Procaça, em São José, na Grande Florianópolis. Ele lembra que não havia na região, como ainda não há, um espaço destinado ao lazer e que as olimpíadas foram a saída para os conflitos na comunidade, como drogas, armas e violência.

No primeiro ano foram cerca de 200 atletas. A última edição reuniu 2.235 competidores entre 7 e 76 anos. Caneta acredita que o aumento de participantes a cada ano é reflexo da falta de espaço público destinados à prática esportiva. Além de chamar atenção para ausência de ações públicas, Caneta ressalta que a competição é um caminho para afastar o adolescente das drogas, do álcool e da violência.

Caneta calcula que parte dos competidores vem de aproximadamente 30 escolas inseridas nas comunidades carentes da Grande Florianópolis. O organizador acredita que o evento é uma melhora na auto-estima desses jovens e um incentivo, que muitas vezes inexistente.

– Não importa se o time é merreca e cada calção vai ser de uma cor. Durante os jogos terá sempre uma pessoa incentivando-os. Isso faz com que eles tenham a auto-estima melhorada.

A Olimprocasa reúne 10 modalidades: xadrez, dominó, capoeira, jiu-jitsu, corrida rupestre, basquete, vôlei, handebol, futebol suíço e de salão. Todas são divididas em feminino e masculino e em quatro categorias.

Esse ano, o evento será realizado entre os dias 12 e 29 de setembro. Qualquer pessoa pode se inscrever, desde que doe um quilo de alimento. A comida é repassada para instituições, creches e famílias carentes da região.



Marcos Caneta

HERNÂNDO NUNES



FOTOS SUSI PADILHA

Sanara e Gustavo têm objetivos diferentes, mas ambos participam das Olimpíadas, ela na ginástica rítmica e ele no basquete

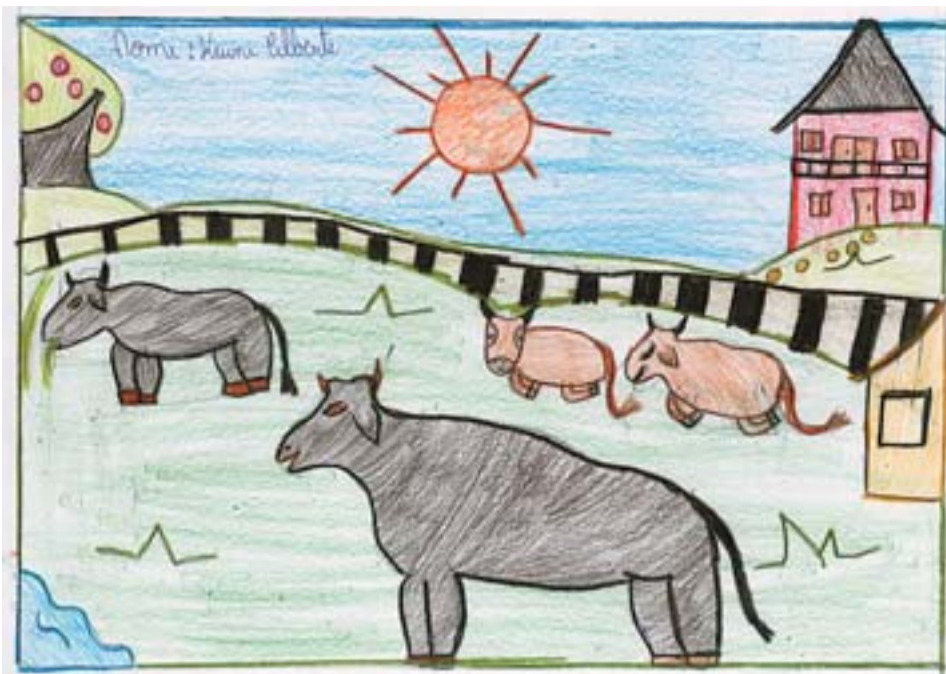
O boi cultural

O centro do trabalho foi o boi, que é visto de formas diferentes pelos quatro cantos do Brasil. Por isso, a professora Eluana Pivatto, da Escola de Educação Básica Adelaide Konder, em Navegantes, desenvolveu o trabalho sobre as representações deste animal.

Depois de uma pesquisa feita pelos estudantes da 5ª série nas aulas de artes, descobriu-se que o pintor espanhol Pablo Picasso tinha como figura principal o touro, e que em várias regiões do Brasil este animal

é retratado de diferentes formas.

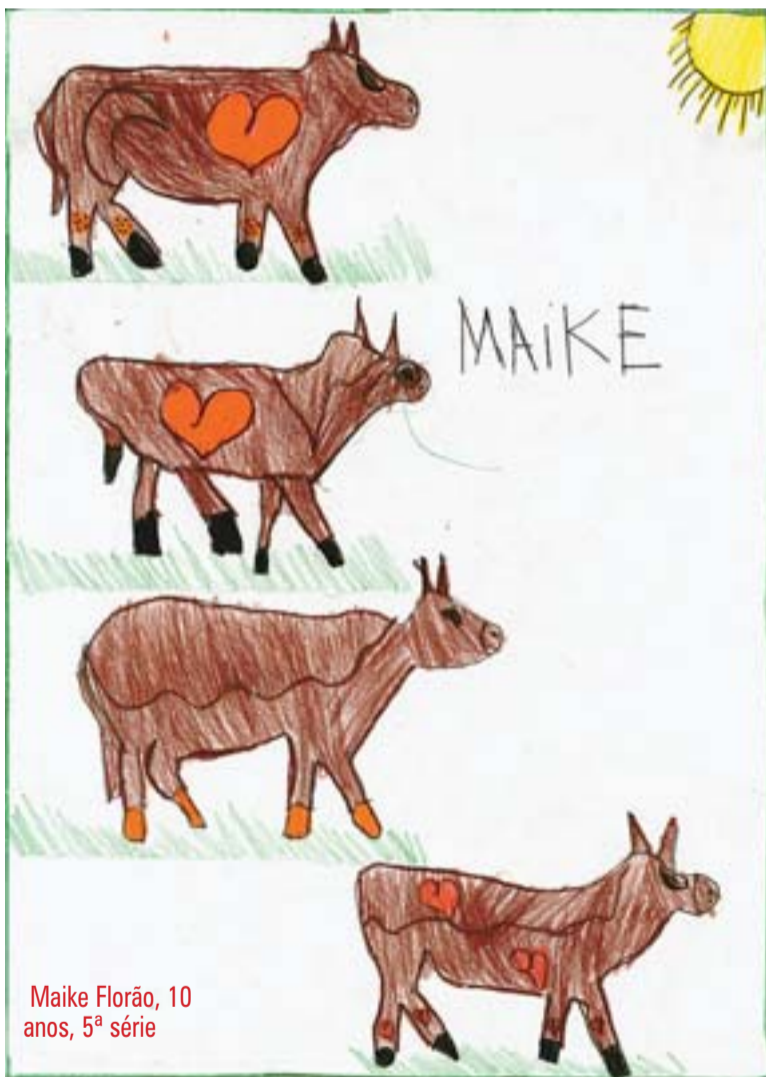
Aqui no país, a festa do boi, que também fornece carne para 80% dos brasileiros, é comemorada em quase todas as regiões em diferentes épocas do ano. No Sul é conhecida como boi-de-mamão; no Norte existe a festa que marca a competição entre os bois Garantido e Caprichoso. Também foram feitas leituras de imagens com a obra Guernica, em que a figura do touro é representada em posições e interpretações. O objetivo deste trabalho, diz a professora, foi ampliar o conhecimento cultural e artístico, além de valorizar a cultura de diversas regiões. Confira alguns dos trabalhos.



Keuni Alberti, 10 anos, 5ª série



Jackson Soares, 10 anos, 5ª série



Maike Florão, 10 anos, 5ª série



Brayan Anderlei Amorim, 10 anos, 5ª série



Gabriel Gonçalves Cunha, 11 anos, 5ª série



Jaqueline Rodrigues, 13 anos, 5ª série



Deivid Santos, 12 anos, 5ª série

Poemas do Brasil

Na Escola de Educação Básica Cacilda Guimarães, em Vidal Ramos, a professora Terezinha Dechering aplicou um trabalho para saber como os seus alunos viam o Brasil. Queria um posicionamento de cada um, a partir da interpretação de um poema. Os estudantes começaram o trabalho identificando os sentimentos que possuem em relação ao

país. Motivados pela leitura de um poema e pela interpretação de fatos e de notícias, eles registraram o que pensam sobre o país.

A partir daí, formaram duplas e escreveram uma poesia, com os sonhos que têm em relação ao Brasil. Depois se expressaram em desenhos e em poesias. Veja nesta página algumas ilustrações e versos escritos pelos estudantes.



Sabrina Nascimento, 9 anos, 4ª série



Maria Eduarda Kamones, 9 anos, 4ª série



Leonardo Vieira, 9 anos, 4ª série



Douglas Garcia, 9 anos, 4ª série



Milena Kempler, 9 anos, 4ª série



Tiago Rafael de Souza, 9 anos, 4ª série

Meu Sonho de Criança

Trechos de poesias escritas pelos estudantes

*Não quero que falta emprego neste planeta
Não quero que falta morada para ninguém
Pois esse país é de todos também*
Julia Kunhen Schmitz e Milena Kemper

Meu sonho de criança é um Brasil maduro com muito emprego Pensando no futuro
Sabrina Nascimento e Odilmar de Souza Júnior

Meu sonho de criança É que as pessoas tenham emprego E também uma boa infância
Andréia Marciel e Douglas Garcia

Meu sonho de criança é um Brasil sem violência, sem intrigas e nem roubos. E um Brasil de muita inocência
Jaine dias e Kelin da Silva

Meu sonho para o futuro é um Brasil maduro com Fraternidade e boa vontade
Franciele Heck e Fanieli Burg

Meu sonho de criança é um Brasil sem fome com dignidade, com criança na escola lutando pela felicidade, justiça e igualdade
Maria Eduarda Kamones e Larissa Oliveira

Meu sonho de criança É respeitar a natureza, ter um país com muita riqueza E as praias com muita gente
Eduarda de Pinho e Luana Eger